



nara roesler

**arqueologias
no presente
cao guimarães
e manoela medeiros**

núcleo curatorial nara roesler
e luis pérez-oramas

abertura

sábado, 27 de novembro

nara roesler são paulo

29 nov, 2021 – 29 jan, 2022

Nara Roesler São Paulo apresenta *Arqueologias no presente*, um diálogo entre as obras de Cao Guimarães (n. 1965) e Manoela Medeiros (n. 1991), uma curadoria do Núcleo Curatorial Nara Roesler com a assessoria curatorial de Luis Pérez-Oramas.

A articulação entre os trabalhos de Cao Guimarães e Manoela Medeiros faz coexistir produções que habitam diferentes disciplinas. Guimarães trabalha com a captação do acontecimento (poético, acidental, natural), através de imagens fotográficas e cinematográficas, enquanto Medeiros volta-se para a produção intencional do acontecimento material nas tipologias da pintura e do espaço expositivo.

Os trabalhos de Cao Guimarães são obras expandidas, estabelecidas no trânsito entre a película, a partir do uso de Super-8, o vídeo e a fotografia. Por meio de um olhar atencioso e afetuoso, sua obra constrói um inventário poético de momentos variados e visualmente marcantes da vida cotidiana, que expande a ideia e o vocabulário da forma documental.

Em obras inéditas como *Ventania* (2004/2021) a ausência de movimento, característica da imagem fotográfica, é compensada pela sequencialidade e justaposição a outras imagens. Vídeos icônicos como *O pintor joga o cinema na lata de lixo* (2008) e *Quarta-feira de Cinzas* (uma parceira com Rivane Neuenschwander, de 2006) compõem a mostra ao lado de trabalhos mais recentes como *Reza* e *Vovô*, ambos de 2016, que trazem “micronarrativas ou “quase-narrativas”, fragmentos das experiências de personagens e também do artista, configurações sensoriais muitas vezes efêmeras, à beira do desaparecimento”, como coloca Consuelo Lins.¹

Manoela Medeiros apresenta seus trabalhos pela primeira vez na Nara Roesler, marcando o início de sua representação pela Galeria. Em sua prática, Medeiros investiga a ambivalência entre os atos de construir e destruir, escavando superfícies, como as paredes do espaço expositivo, para trazer à tona as diferentes cores e materiais que ali foram aplicados e que permaneciam esquecidos. Medeiros visa refundar nossa experiência temporal ao expor, simultaneamente, as sucessivas

camadas de uma edificação, cada qual portadora da memória do momento em que foi aplicada.

Os trabalhos da série *Ruínas*, que fazem parte da exposição, são exemplares do método de trabalho desenvolvido pela artista, no qual ela sobrepõe camadas de tinta e gesso sobre uma superfície e retira parte delas em seguida, de modo a criar pinturas que nos remetem aos efeitos da temporalidade sobre a arquitetura. No grupo de obras intitulado *Continents*, por sua vez, Medeiros constrói mapas imaginários a partir de fragmentos de paredes e construções. Além de esculturas inéditas produzidas em gesso e concreto, Medeiros também apresenta duas obras *site specific*, nas quais a artista intervém diretamente sobre a superfície material do espaço expositivo.

A captação do acontecimento acidental na obra já referencial de Cao Guimarães e a exploração dos efeitos de duração sobre as materialidades artísticas de Medeiros – tais como o quadro e a galeria –, colidem e coincidem como formas poéticas de uma arqueologia no presente.

1

LINS, Consuelo. *Cao Guimarães, arte documental e ficção*. 1ª ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019..

capa

esquerda: Manoela Medeiros, *Ruína*, 2021 [detalhe]
direita: Cao Guimarães, *Reza*, 2016 [detalhe de frame]

continente

A cartografia é uma ciência que visa planificar e tornar cognoscível o espaço. Nesse sentido, ela se apropria de códigos que visam informar sobre determinada realidade material de um território. No trabalho de Medeiros, contudo, os métodos, funções e formas dessa área do conhecimento são subvertidos, distorcidos e ficcionalizados. Na série *Continente* (2012–2021), a artista reorganiza em placas de gesso, os fragmentos de ruínas recolhidos em diversos lugares por onde a artista passou. Esses elementos de lugares reais colecionados ao longo do tempo são ressignificados nos agrupamentos realizados pela artista que remetem a uma cartografia de territórios imaginados em que as texturas, cores e formas tornam-se os protagonistas da composição.



Manoela Medeiros
Continente, 2021
fragmentos de parede,
gesso e estrutura de alumínio
42 x 30 cm





Manoela Medeiros
Continente, 2021
fragmentos de parede,
gesso e estrutura de alumínio
42 x 30 cm







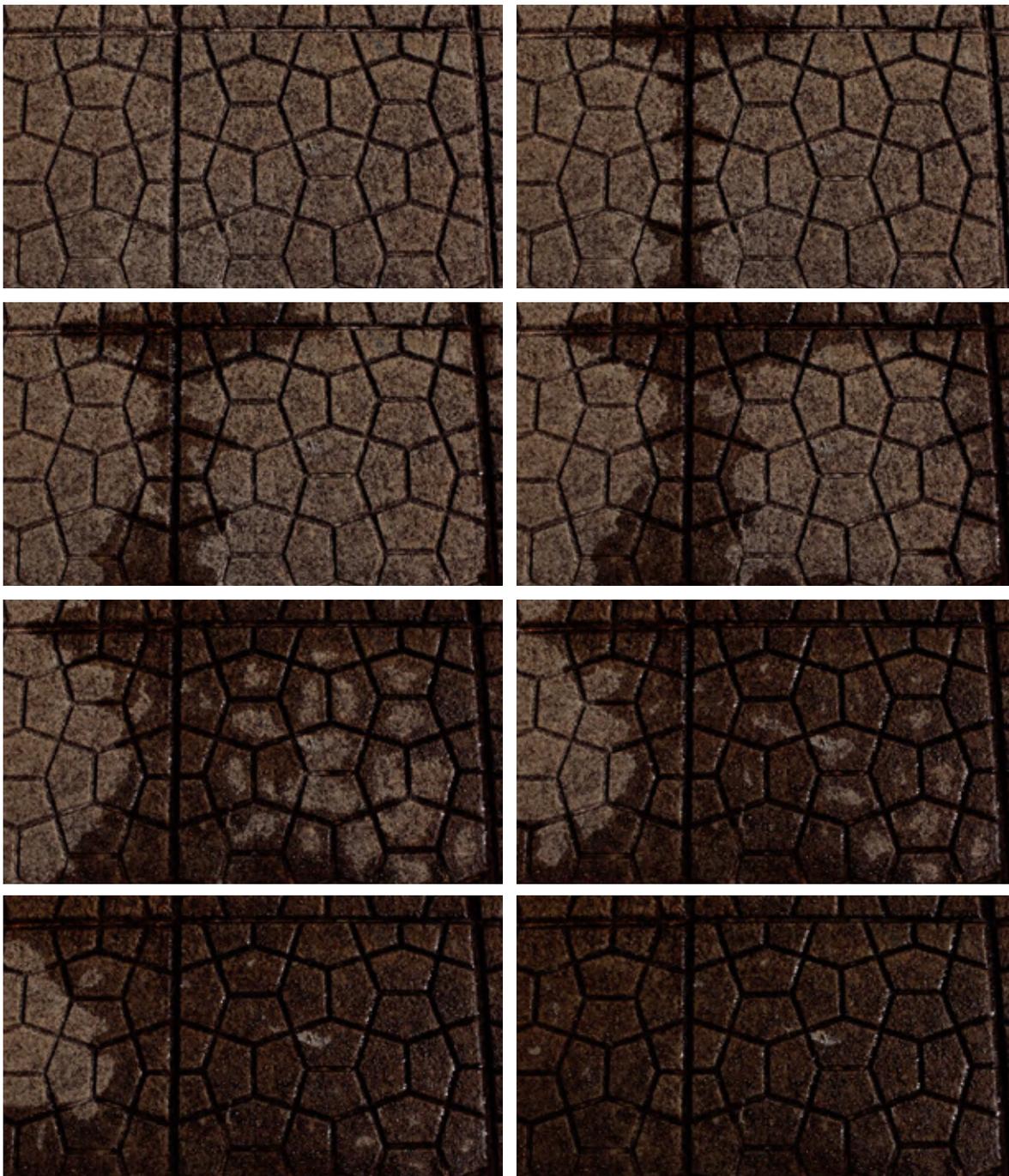
Manoela Medeiros
Continente, 2021
fragmentos de parede,
gesso e estrutura de alumínio
42 x 30 cm





Manoela Medeiros
Continente, 2021
fragmentos de parede,
gesso e estrutura de alumínio
42 x 30 cm





drawing

Realizado em apenas um plano, o curta enquadra uma superfície sulcada que nos remete a um piso seco. Ouvimos, primeiro, o som da água, antes de vê-la entrar em cena, inserindo-se, pouco a pouco, por entre as brechas do piso, espalhando-se gradativamente até transformar toda aquela superfície, antes seca e clara, em um todo úmido e escuro. Guimarães nos convida a olhar de perto um acontecimento corriqueiro, alçando-o ao patamar estético, o que nos leva a refletir sobre a própria capacidade criadora da natureza.

Cao Guimarães
Drawing, 2011
vídeo digital full HD
edição de 6 + 2 PA
1'11"



Manoela Medeiros
Wall, 2021
fragmentos de parede,
gesso e estrutura de alumínio
86,5 x 58,5 x 5 cm





Manoela Medeiros
Wall, 2021
fragmentos de parede,
gesso e estrutura de alumínio
97,5 x 50 x 5 cm







Cao Guimarães
Sem título, 2015
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
60 x 90 cm





vovô

“Nas imagens de Vovô, dezenas de partículas embranquecidas, tal algodão, flutuam mais do que caem em um bosque de imensas árvores”, descreve Consuelo Lins. Essas imagens oníricas, muitas em close up, revelam em detalhes um acontecimento poético que, sendo transitório, acaba ganhando uma hipervisibilidade, a partir do olhar do artista. Uma voz masculina, preenche a cena, sem revelar a figura de seu emissor. Guimarães faz convergir duas imagens, a visual, que vemos na tela, e a acústica, tanto da trilha sonora composta pelo O Grivo, quanto a narrativa do locutor. Este, por sua vez, narra uma afetuosa memória de seu avô que, junto ao lirismo de Guimarães, são capazes de gerar grande comoção no espectador.

Cao Guimarães
Vovô, 2016
vídeo digital HD colorido
edição de 5 + 2 PA
4'31”



Manoela Medeiros
Horizonte Flutuante, 2021
concreto pigmentado
diretamente na estrutura
51 x 52 x 5 cm





Manoela Medeiros
Horizonte Flutuante, 2021
concreto pigmentado
diretamente na estrutura
53 x 51 x 5 cm





Manoela Medeiros
Maré subindo, 2021
concreto pigmentado
diretamente na estrutura
81 x 70 x 5 cm





Manoela Medeiros
Paisagem vista de binóculo, 2021
concreto pigmentado
diretamente na estrutura
32 x 24,5 x 5 cm





úmido

As quatro fotografias que compõem essa série fazem parte de um grupo de imagens feitas pelo artista e deixadas de lado até o momento em que, revendo-as e organizando-as, Guimarães percebeu sua potência visual. Esse ato de retorno sobre o próprio arquivo, de reorganização dos fragmentos em um discurso conceitual que desponta pela justaposição entre elas, nos remete ao próprio funcionamento da memória. Inicialmente, o artista havia pensado em Ilhas como nome deste conjunto, tendo em vista que, cada imagem, apresenta folhas e flores que, repousando no chão, são cercadas por um halo de umidade, transformando-se em pequenos territórios. Esse registro do que é transitório, do que muitas vezes escapa à visão, encontra-se no cerne da prática de Guimarães, que visa tornar visível rastros e indícios do que tende a ser invisibilizado.



Cao Guimarães
Sem título, da série Úmido, 2015
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
60 x 90 cm



Cao Guimarães
Sem título, da série Úmido, 2015
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
60 x 90 cm





Cao Guimarães
Sem título, da série *Úmido*, 2015
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
60 x 90 cm







Cao Guimarães
Sem título, da série *Úmido*, 2015
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
60 x 90 cm

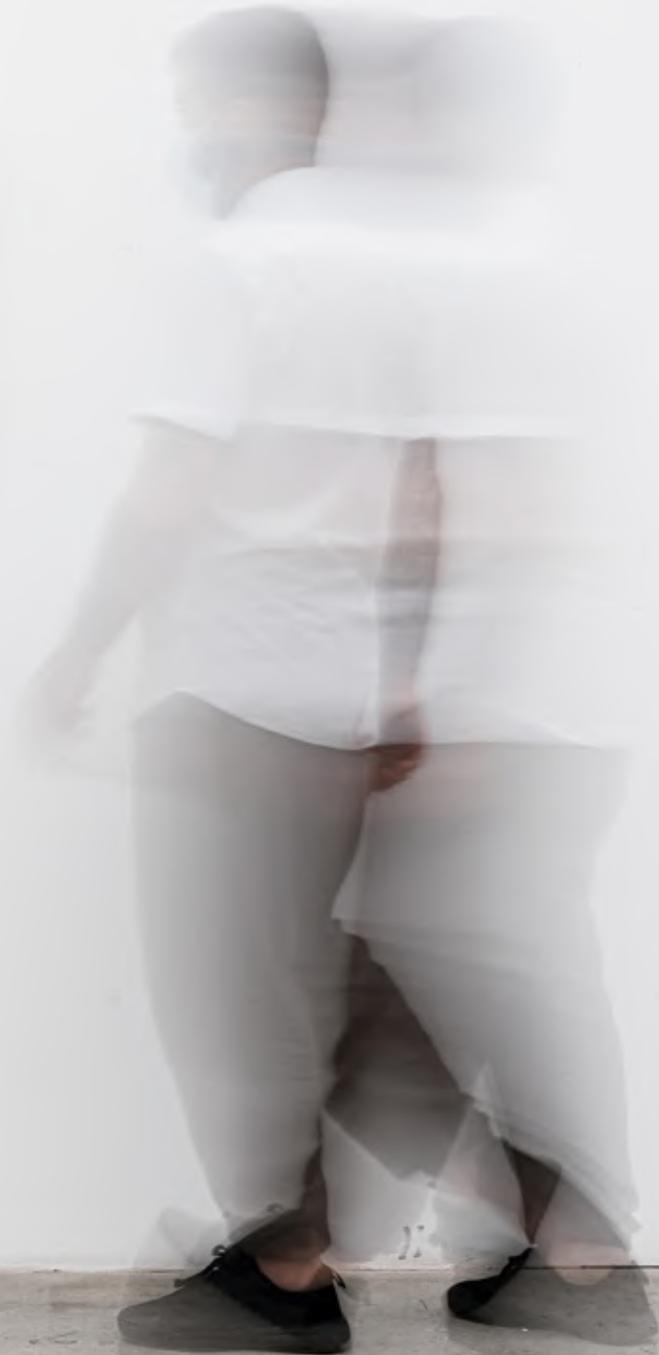


Manoela Medeiros
A forma da chuva, 2021
gesso e vidro pigmentado
51 x 38 x 5 cm





Manoela Medeiros
Puxadinho, 2021
gesso e vidro pigmentado
59,5 x 50 x 6 cm





Manoela Medeiros
Puxadinho, 2021
gesso e vidro pigmentado
61,5 x 52 cm







gambiarra

Gambiarras é uma das mais longas e prolíficas séries fotográficas de Cao Guimarães. Através de imagens, o artista cria um repertório de gambiarra, nome dado às inúmeras soluções improvisadas, propostas pela população brasileira, para os mais diversos problemas cotidianos. A gambiarra tornou-se sinônimo da criatividade popular, justamente pela sua capacidade de transformar objetos a partir de uma necessidade. Segundo o curador Rodrigo Moura essa predisposição ao arquivamento no trabalho de Guimarães revela: “uma posição colecionista que me faz lembrar uma declaração do artista, a de que começou a trabalhar como artista no momento em que iniciou sua prática como cinéfilo. Estas imagens nos confrontam com um antigo mote da fotografia: fazer imagens é colecioná-las.”

Cao Guimarães
Gambiarra # 109, 2012
impressão digital sobre papel
Hahnemühle Photo Rag 305
edição de 3 + 2 PA
66 x 100 cm





o pintor joga o cinema na lata de lixo

Nesse curta espirituoso, Cao Guimarães se debruça sobre o aspecto concreto, a dimensão objetual do cinema, ou do filme. O protagonista não é o pintor, que pinta a parede em que o filme é projetado, sem de fato atrapalhar sua projeção, mas a própria ideia de tela, de superfície física que recebe e possibilita a fruição das imagens.

Cao Guimarães
El pintor tira el cine a la basura
/ O pintor joga o cinema na lata do lixo, 2008
HDV, cor, áudio 5.1
edição de 5 + 2 PA
5'42"



ruínas

Desde 2014, Medeiros vem realizando a série *Ruínas*, em que recria artificialmente os efeitos da passagem do tempo sobre superfícies. O conjunto de trabalhos surge do interesse da artista pela qualidade pictórica de paredes de espaços abandonados e degradados, dos quais, ela mesma, arrancava partes, criando pequenas coleções e tipologias desses fragmentos. Para realizar os trabalhos dessa série, Medeiros acumula sobre a superfície da tela diversas camadas de tinta, em diferentes cores. Ao final, ela raspa essas camadas, fazendo emergir as sucessivas etapas da feitura da pintura, deixando-as conviver em um único espaço.



Manoela Medeiros
Ruína, 2021
pintura e escavação sobre tela
50 x 40 cm



Manoela Medeiros
Ruína, 2021
pintura e escavação sobre tela
2 peças de 200 x 130 cm





Manoela Medeiros
Ruína, 2021
pintura e escavação sobre tela
50 x 40 cm





“Cada espaço está carregado de história e intenções. Por esse motivo, a arquitetura do espaço expositivo, a forma como ele é construído e a luz que ali invade acabam ganhando um novo significado durante o meu processo de trabalho. Eu procuro misturá-los, para que o público não saiba o que é trabalho e o que é espaço.”

—**Manoela Medeiros**

Manoela Medeiros
Ruína, 2021
pintura e escavação sobre tela
2 peças de 80 x 60 cm





reza

Centrado nos gestos de uma rezadeira, a câmera em close up, segue os gestos de uma velha benzedeira. Esse foco nas pequenas ações ritualísticas, assim como a voz que profere a reza, quase como um sussurro, não nos deixa compreender exatamente do que se trata tal manifestação, qual seu objetivo, assim como a qual religião se liga. Só no momento final, em um pequena frase, entendemos do que se tratava a benção, tomando-a para nós mesmos. A intimidade do vídeo, não nos remete a um mero registro de um acontecimento passado, mas concentra a energia de algo que parece se desenrolar unicamente para nós, como se nos fosse endereçado. Por outro lado, o vídeo também referencia o sincretismo religioso formador da cultura brasileira.







Manoela Medeiros
Bananeira, 2021
concreto pigmentado
diretamente na estrutura
70 x 47 cm



Manoela Medeiros
*Vase amérindien
sur table rouge*, 2021
concreto pigmentado
diretamente na estrutura
56 x 48,5 cm





Manoela Medeiros
*Petit sculpture africaine
sur table rouge*, 2021
concreto pigmentado
diretamente na estrutura
49 x 32,5 cm





Manoela Medeiros
Ex-votos, 2021
concreto pigmentado
diretamente na estrutura
57 x 42 cm





steps

Essa série de quinze fotografias em branco e preto de Cao Guimarães captura o rastro de pegadas sobre um piso empoeirado. Não nos interessa saber quem usava aqueles calçados, ou para onde iam, mas sim refletir sobre a própria ideia de passagem, transitoriedade e memória. Na percepção do curador Moacir dos Anjos: “Aqui, como em vários outros trabalhos, o que mais vale é a captura do ordinário, do sem propósito, do comum que de alguma maneira ordena a vida. Marcas de pisadas que poderiam bem ser, portanto, vestígios dos percursos feitos por aqueles que andam sem rumo certo, à procura do que somente intuem, por estradas do interior do país.”



Cao Guimarães
Sem título, da série Steps # 04, 2015
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
75 x 50 cm



Cao Guimarães
Sem título, da série Steps # 01, 2015
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
75 x 50 cm



Cao Guimarães
Sem título, da série Steps # 03, 2015
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
75 x 50 cm



Cao Guimarães
Sem título, da série Steps # 05, 2015
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
75 x 50 cm



Cao Guimarães
Sem título, da série Steps # 08, 2015
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
75 x 50 cm



Cao Guimarães
Sem título, da série Steps # 15, 2015
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
75 x 50 cm



“Sou um homem da imagem, mas sou de um tempo em que o ser humano ainda não nascia imagem. Hoje somos imagem já na barriga da nossa mãe. Uma varredura pelo som nos transforma em imagens uterinas e lá estamos, impassivos e confortáveis, inconscientes de que já somos um espetáculo para a mãe, o médico e as enfermeiras, na tela do computador da sala de um pediatra. Violada nossa primeira casa, invadida nossa intimidade, já somos personagens potenciais do Big Brother que se tornou o mundo.”

—Cao Guimarães



Cao Guimarães
Sem título, da série Steps # 11, 2015
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
75 x 50 cm



Cao Guimarães
Sem título, da série Steps # 09, 2015
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
75 x 50 cm



Cao Guimarães
Sem título, da série Steps # 07, 2015
fotografia digital colorida
edição de 5 + 2 PA
75 x 50 cm

cao guimarães

n. 1965, Belo Horizonte, Brasil

vive e trabalha em Montevideú, Uruguai

Os trabalhos de Cao Guimarães são peças audiovisuais expandidas, frequentemente estabelecidas no trânsito entre a película, a partir do uso de Super-8, e o vídeo. Desse modo, sua obra constrói fortes conexões com as artes visuais, sem, contudo, filiar-se de modo determinante a nenhum grupo ou vertente específica. O artista cria, ainda, um inventário de momentos variados e visualmente marcantes da vida cotidiana. Seja capturando a utopia inóspita de Brasília, formigas carregando confetes no fim do carnaval, ou bolhas de sabão flutuando pelos corredores de uma casa vazia, seus trabalhos expandem a ideia e o vocabulário da forma documental através dos meios utilizados.

O artista também trabalha com fotografia, como é o caso da série *Gambiarras*. Sua habilidade de improvisação dá origem a momentos de estranhamento e fascínio capazes de deslocar nosso olhar para objetos e situações comuns, resignificando-os a partir da exploração da duração e do foco. A prática fotográfica de Guimarães não se distancia muito de sua produção audiovisual. Ambas partem de premissas documentais daquilo que nos parece habitual. Mesmo a ausência de movimento, característica da imagem fotográfica, é compensada pela sequencialidade e justaposição a outras imagens, compondo séries que poderiam ser fragmentos, ou *frames*, de um filme do artista.

Seus filmes foram exibidos em inúmeros festivais, no Brasil e no exterior, tais como Berlin International Film Festival (2014); Sundance Film Festival (2007); Cannes Film Festival (2005); Rotterdam International Film Festival (2005, 2007 e 2008), entre outros.

exposições individuais selecionadas

- *Espera*, Instituto Moreira Salles - Paulista (IMS-Paulista), São Paulo, Brasil (2018)
- *Ver é uma fábula*, Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (CDMAC), Fortaleza, Brasil (2018); Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2013); Galerie Anita Beckers, Frankfurt am Main, Alemanha (2013)
- *Estética da gambiarra*, Sesc Interlagos (2015), São Paulo, Brasil (2015)
- *Cao Guimarães*, Museu de Arte da Pampulha (MAP), Belo Horizonte, Brasil (2008)

exposições coletivas selecionadas

- 7ª Bienal Internacional de Arte Contemporânea, Espanha (2018)
- *Art and Space*, Guggenheim Bilbao Museum, Bilbao, Espanha (2017)
- *Video Art in Latin America*, II Pacific Standard Time: LA/LA (PST: LA/LA), LAXART, Hollywood, Estados Unidos (2017)
- 34º Panorama da Arte Brasileira, Brasil (2015)
- *From the Margin to the Edge: Brazilian Art and Design in the 21st Century*, Somerset House, Londres, Reino Unido (2012)

coleções selecionadas

- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, Estados Unidos
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, Estados Unidos
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Fondation Cartier Pour L'art Contemporain, Paris, França
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

manoela medeiros

n. 1991, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha entre Rio de Janeiro, Brasil e Paris, França

Em seu trabalho Manoela Medeiros articula as linguagens da escultura, pintura, performance e instalação, através das quais explora as relações entre corpo, espaço e tempo. Intervindo muitas vezes de maneira direta nos espaços expositivos, sua obra sobrepõe as temporalidades da própria prática artística e do ambiente construído no qual se insere. Medeiros concebe a obra a partir de detalhes do lugar, sejam eles materiais, elementos estruturais ou até mesmo sua relação com a iluminação, natural e artificial. Sua prática introduz no espaço uma organicidade ao expor suas entranhas, ou estruturas, fazendo da arquitetura não apenas uma estrutura, mas um corpo.

A prática de Medeiros comporta procedimentos arqueológicos, tornando visível aquilo que muitas vezes subjaz, assim como se nutre da ideia de ruína, um índice espacial da passagem do tempo. Medeiros escava as superfícies, como as paredes do espaço expositivo, para trazer à tona suas sucessivas camadas, as diferentes cores e materiais que ali foram aplicados e que permaneciam esquecidas. Desse modo, a artista visa refundar nossa experiência temporal ao expor, simultaneamente, suas sucessivas camadas, cada qual portadora da memória do momento em que foi aplicada, deixando-as coexistir e interpenetrar-se. Medeiros opera entre a construção e a destruição, mostrando sua complementaridade, mais do que seu antagonismo.

exposições individuais selecionadas

- *Concerto a céu aberto*, Kubik Gallery, Porto, Portugal (2020)
- *L'être dissout dans le monde*, Galerie Chloé Salgado, Paris, França (2019)
- *Poeira varrida*, Galeria Fortes D'Aloia & Gabriel, São Paulo, Brasil (2017)
- *Falling Walls*, Double V Gallery, Marselha, França (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Recycler / Surcycler*, Fondation Villa Datris, L'Isle-sur-la-Sorgue, França (2020)
- *Reservoir, 019*, Ghent, Bélgica (2020)
- *Vivemos na melhor cidade da América do Sul*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2018)
- *Hall-statt*, Galeria Fortes D'Aloia e Gabriel, São Paulo, Brasil (2016)
- *In Between*, Galeria Bergamin & Gomide, São Paulo, Brasil (2016)
- *11º Abre Alas*, A Gentil Carioca, Rio de Janeiro, Brasil (2015)

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art